

COM 1500 PESSOAS A BORDO

21.1988

COMBOIO DE PASSAGEIROS ATACADO PRÓXIMO DE TENGA

Bandidos armados assassinam 22 pessoas e ferem 71 outras
Vítimas vinham passar fim-do-ano a Maputo

Bandidos armados assassinaram 22 pessoas e feriram 71 outras, das quais 11 em estado grave, num ataque a um comboio de passageiros, cerca das 16.30 h, da passada quinta-feira, perto de Tenga, na linha férrea que liga Ressano Garcia a Maputo. A

De acordo com informações recolhidas pela nossa Reportagem, esta ocorrência começou quando o comboio accionou uma mina, colocada pelos bandidos armados na linha férrea. Depois da explosão, as carruagens descarrilaram, desordenadas.

De seguida, começou a ouvir-se o matraquear das armas ligeiras dos bandidos, que iam assassinando friamente alguns dos passageiros, ao mesmo tempo que iniciavam o assalto ao comboio, para saquear os bens dos passageiros.

O ataque terrorista teve lugar mais concretamente entre as estações de Tenga e Pessene, no distrito da Moamba, a cerca de 50 quilómetros da fronteira com a África do Sul.

Logo que a notícia do criminoso ataque chegou a Maputo foram tomadas providências para proceder-se à operação de salvamento. Para o local seguiram unidades dos bombeiros e do Exército, viajando num comboio-socorro.

Ao mesmo tempo convergiram para a estação ferroviária da capital do País várias ambulâncias, com o fim de transportar os feridos para o Hospital Central.

A nossa Reportagem assistiu à chegada à estação ferroviária de Maputo dos primeiros feridos e deslocou-se na noite do mesmo dia até ao local do ataque. Até às 22.30 horas de quinta-feira, 66 dos feridos, tinham já dado entrada nos Serviços de Urgência do HCM.

Ao meio da manhã de ontem, outros cinco feridos graves foram transportados para aquele centro hospitalar, depois de terem sido retirados da amalgama de ferros torcidos, onde permaneceram entalados, lutando entre a vida e a morte, desde às 16.30 horas de quinta-feira até as primeiras horas da manhã de ontem.

Os bandidos armados não só armaram com uma mina de grande potência os carris da via férrea, provocando o descarrilamento da composição e a consequente morte de passageiros, como também saquearam os bens constituídos essencialmente por produtos alimentares e bebidas destinadas às festas do Ano Novo.

Logo a seguir à comunicação de mais este acto criminoso, a Direcção da Empresa CFM-Sul enviou para o local do sinistro o primeiro comboio-socorro que recolheu as pessoas feridas e os corpos das vítimas mortais. Esse comboio regressou à Estação Central do Maputo cerca das 22 horas.

A nossa Reportagem assistiu à evacuação dos feridos, assim como ao transporte dos mortos para o Hospital Central do Maputo, sendo para o efeito, utilizadas várias ambulâncias.

No cais daquela estação o ambiente de dor e aflicção era patente com algumas pessoas a tentar identificar os seus familiares, entre os feridos e os mortos.

Ambulâncias do HCM, do Corpo de Salvação Pública e da Cruz Vermelha de Moçambique disputavam o pequeno espaço do cais para transportar imediatamente os feridos que acabavam de desembarcar.

Enquanto esta operação de evacuação decorria, a nossa Reportagem foi dialogando com sobreviventes, procurando registar as primeiras impressões de mais um acto criminoso

contra cidadãos civis, indefesos.

Vimos alguns feridos com queimaduras graves e outros com alguns dos seus membros fracturados. Formos registando a identificação, assim como ocupação de alguns dos feridos.

São mecânicos, electricistas, operadores de máquinas, todos trabalhadores da Barragem de Corumana, que, no último dia do ano, se deslocavam para junto das suas famílias em Maputo, para com elas participar na festa do nascimento do Ano Novo. Famílias inteiras perderam-se na

bordo da composição seguiam cerca de 1500 passageiros, a maior parte dos quais trabalhadores das obras de construção da barragem de Corumana que vinham a Maputo para festejar a passagem do ano com os seus familiares.

seqüência do criminoso ataque. Registámos depoimentos de mães que choravam, porque não sabiam do paradeiro dos seus filhos, ou de crianças que não sabiam onde se encontravam os pais.

Uma das sobreviventes de nome Rebeca João Comé, contou-nos como conseguiu salvar o seu filho com a idade de apenas um mês. Contou-nos que foi agredida fisicamente por um dos bandidos, ao mesmo tempo que lhe tirava o filho que trazia às costas.

O bandedeiro acabaria atirando o

recém-nascido para o chão, onde a progenitora o foi recolher, fugindo precipitadamente em seguida.

Através do diálogo com alguns dos sobreviventes, que saíram vivos do ataque, soubemos que os agentes de Pretoria teriam raptado alguns dos passageiros para transportar os bens saqueados.

Depois da evacuação dos feridos, a nossa Reportagem embarcou cerca das 22.30 horas, num segundo comboio-socorro que partiu com o destino ao local do sinistro, a fim de salvar os sobreviventes que ainda continuavam entalados por entre os ferros torcidos das carruagens tombadas.

Cerca das 23.45 horas, chegámos cerca de 100 metros até chegar ao local do sinistro.

Com a ajuda da iluminação dos locais. Apeão-nos e caminhamos legas do INC, iniciámos o nosso trabalho de recolha de informação. Entrámos pelas janelas nas carruagens pessoas completamente esmagadas, tombadas. Um cenário trágico. Eram por entre os assentos e outros materiais contorcidos das carruagens. Era o sangue a pingar aqui e acolá sinal da existência de uma vítima, não conseguíamos visualizar claramente.

A zero hora — início do Ano Novo — continuávamos no interior das carruagens, tentando recolher mais informações e também, auxiliando no trabalho de evacuação dos feridos ou de remoção de restos mortais.

Enquanto tentávamos saltar de uma carruagem para a outra, ouvíamos gemidos num dos extremos da composição. Seguíamos na sua direcção até localizar a respectiva proveniência.



Um dos passageiros do comboio atacado pelos BA's em Tenga, ao ser retirado por bombeiros do interior de uma das carruagens. Na imagem, podem-se ver as queimaduras graves que sofreu esse passageiro

— Cortem-me, cortem-me o braço. Já não aguento mais — dizia um dos feridos, entalado entre os destroços de uma carruagem. A um ou dois metros, outra pessoa, também entalada, gritava por socorro, insistentemente, enquanto outra pedia transporte para o hospital, ao mesmo tempo que queria água para beber.

O trabalho dos bombeiros foi dificultado por falta de material apropriado para este tipo de operações de salvamento, o que forçou a que os «soldados da paz» tivessem de regressar a Maputo, para se munirem de apetrechos necessários.

Os bombeiros tiveram uma acção louvável na salvação de muitas pessoas, mesmo trabalhando em condições difíceis. Posteriormente, já com equipamento apropriado, a sua missão foi mais facilitada, o que permitiu salvar a vida a muitas pessoas.